

Nada mudará plano

SEXTA-FEIRA — 12 DE DEZEMBRO DE 1986

político de Sarney

JOSÉ NEUMANNE PINTO

Seja qual for o resultado da greve geral de hoje — sucesso ou fracasso, pacífica ou com "baderna" — o movimento não provocará nenhuma alteração profunda na transição para a democracia e no projeto político do governo Sarney. Esta conclusão é tirada depois de longas conversas com ocupantes de privilegiados gabinetes no Palácio do Planalto e na Esplanada dos Ministérios, entre os quais o do chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Marco Maciel, que não esconde de ninguém sua absoluta tranquilidade em relação aos resultados políticos do grande protesto nacional contra as medidas corretivas de rumo do Plano Cruzado.

Esses freqüentadores habituais do gabinete do presidente José Sarney, no terceiro andar do Palácio do Planalto, não hesitam em responder à pergunta do repórter sobre o estado de ânimo do presidente. Ele está tenso, preocupado, mas tranqüilo. E há uma intenção evidente de mostrar de público essa tranqüilidade do chefe da Nação. Sua súbita visita a João Câmara, no Rio Grande do Norte, para conhecer *in loco* os problemas causados pelo terremoto no Estado, hoje, em pleno dia da greve, logo depois de sua participação na solenidade de formatura dos cadetes de Pirassununga, em São Paulo, é uma tentativa cansativa e óbvia de mostrar que tudo está sob absoluto controle e nada disso provoca pânico nem susto nos altos escalões do governo federal.

"As greves são naturais num regime democrático e a democracia no Brasil já está suficientemente forte e adulta para suportar os impactos que um movimento como este pode provocar em sua estrutura política. O que mais nos preocupa são as nefastas consequências em nossa fragilizada economia. Mas isso também pode ser absorvido" — comenta, em tom tranqüilo, um dos mais habituais interlocutores de Sarney. Segundo esse assessor direto do presidente da República, a única consequência política que se pode esperar do sucesso da greve é o fortalecimento da liberação do presidente da CUT, Jair Meneghelli, que se transformaria, segundo ele, numa espécie de versão nacional de Saul Ubaldini, prestigiado dirigente sindical peronista da CGT argentina. Mas a valorização política de Meneghelli não preocupa o Planalto nem o fracasso eventual do movimento pode provocar no Palácio uma falsa euforia. "Das derrotas também se pode tirar lições muito proveitosas e nós devemos estar preparados para isso" — comenta o assessor, consciente de que, num país de grandes desigualdades econômicas e sociais como o Brasil, não se pode operar uma mudança a curto prazo e muito menos

de uma forma absolutamente pacífica e serena.

De forma geral, percebe-se no Planalto um clima de expectativa nervosa em torno do que pode acontecer hoje, principalmente no setor dos transportes urbanos nas grandes cidades brasileiras, particularmente São Paulo e Rio de Janeiro. Mas essa expectativa não é suficiente para disfarçar o clima de decepção com que as autoridades federais encaram a participação, ou melhor, a omissão dos líderes dos partidos da Aliança Democrática em relação ao movimento grevista. Uma discretíssima autoridade militar revelou-se, em tom de queixa, "estupefacta" com o fato de grupos políticos amplamente derrotados nas eleições, realizadas há menos de um mês, conseguirem mobilizar o País em torno de um protesto, enquanto os políticos vencedores se mantêm na reserva, desmobilizados, como se não fizessem parte do

greve poderia ter sido evitada se o presidente tivesse usado mais rigor (ameaçando, por exemplo, usar medidas de emergência, de lei) em seu pronunciamento da semana passada. Mas elogia a disposição firme do presidente de não aceitar sugestões cômodas como uma proposta pela assessoria direta de Sarney de decretar o dia de hoje como de feriado nacional, numa forma de "driblar" a greve. "Agora que a greve foi decretada, cabe ao governo agir com rigor para evitar bagunça, proteger o direito do cidadão de trabalhar, mas aceitar o movimento como uma contingência normal das democracias. Cada ministro deve ficar no seu posto e todo mundo colaborar para que tudo corra bem" acha ele.

"O governo está atento, não superestima nem subestima o movimento. Apenas achamos que não é uma greve, mas um protesto político

respeito à lei". Esse assessor importante de Sarney garantiu que já esperava para antes um movimento desse gênero e considera uma sorte para o País que ele esteja acontecendo num momento em que a democracia não corre nenhum risco mais sério.

O diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, considera louváveis as tentativas de tranqüilização em relação à estabilidade política que são evidentes nas conversas dos corredores e dos gabinetes do Palácio do Planalto. Mas ontem ele iniciou uma paralela ofensiva pedindo que o Planalto aja também no sentido de esvaziar a guerra psicológica, em sua opinião "absurda", que os promotores do movimento iniciaram, segundo sua conclusão, "para inibir a iniciativa do cidadão pacífico de trabalhar". Tuma acha a expectativa de quebra-quebra e de paralisação dos transportes coletivos um "pique-tão psicológico". "Um cidadão pacífico que quer trabalhar pode evitar sair de casa para não levar uma pedrada na cabeça, nem participar de um tumulto" — acredita. Por isso, sua idéia era fazer com que o governo sinalizasse claramente à sociedade que a ordem será mantida a todo o custo. "A palavra de ordem do governo ao cidadão, em minha opinião, deveria ser só uma. Fique tranqüilo e vá trabalhar. O governo garante. Só assim se conseguiria furar o 'pique-tão psicológico' que é hoje uma das mais eficientes armas dos promotores do movimento." Por isso, ele mesmo reuniu anteontem os superintendentes regionais da Polícia Federal e disse-lhes que não se deixassem impressionar com ameaças nem com ficção, atendo-se apenas a fatos reais e agindo a partir deles. "Seguindo essa instrução, todos terão autonomia para agir, abrir inquéritos dentro da lei e manter contato permanente com as autoridades estaduais e do Ministério da Justiça e do Trabalho" — explicou.

"O País está maduro para a prática da democracia e o protesto político é normal num regime democrático. O governo tem esperança de que o trabalhador tenha consciência de que ele será o mais penalizado com a redução das atividades produtivas que resultará em menor crescimento econômico e poderá trazer sequelas sociais. Há outras formas de manifestação política de descontentamento. Não é com movimentos assim que se resolvem os problemas do País, mas, em qualquer hipótese, este movimento não trará desdobramentos lesivos às instituições políticas que o País está construindo neste momento de transição" — resume o chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, sintonizado com o sentimento comum que habita o Palácio do Planalto nesta véspera da primeira greve geral convocada por centrais sindicais do Brasil.

De SP para João Câmara

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

O presidente Sarney vai passar o dia hoje fora de Brasília, viajando. Ele começa embarcando às 7h20 para Pirassununga, onde participa da formatura de todas as academias militares nacionais, entregando o título aos primeiros colocados. De lá, o presidente segue para Natal, onde troca o Boeing presidencial por um helicóptero e viaja para o Município de João Câmara, para ver pessoalmente a situação provocada pelos tremores de terra que acontecem na cidade.

esquema de sustentação política do governo Sarney. A mesma autoridade manifesta perplexidade diante de uma manobra que ela diz estar acontecendo, na qual esses políticos tentam passar para as Forças Armadas a única responsabilidade pelo controle do movimento, como se a única sustentação do governo fossem os militares e os partidos políticos não fizessem parte desse governo. Um ocupante de um gabinete poderoso no Palácio do Planalto, sintonizado com essa preocupação militar, chama a atenção para o fato de que os políticos da Aliança Democrática querem se beneficiar de todas as medidas de alcance popular do governo mas não querem assumir nenhum compromisso com a inevitável impopularidade de medidas corretivas como as que foram tomadas pelo presidente no Plano Cruzado II.

Um experiente político, muito ouvido por Sarney, acredita que a

O presidente decidiu viajar para João Câmara na noite de quarta-feira e estará acompanhado dos ministros do Interior, Ronaldo Costa Couto e da Irrigação, Vicente Fialho. Ontem o porta-voz da presidência, Fernando César Mesquita, não sabia precisar a hora que o presidente retornaria a Brasília.

Amanhã, às 7h20 Sarney volta a viajar. Dessa vez para o Rio de Janeiro, onde chegará às 8h45, segundo a previsão do Palácio do Planalto. O programa do presidente no Rio começa com a cerimônia de entrega de condecorações da ordem do Mérito Naval, às 9h30.

motivado por idéias difusas e com inevitáveis prejuízos econômicos, num momento em que o País não se pode dar ao luxo do desperdício em seu esquema produtivo" — disse o chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel. Maciel assegura que a missão do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, de promover o pacto social não foi motivada pelo anúncio da greve nacional nem sofrerá qualquer alteração motivada por seu sucesso ou seu fracasso. "A missão Pazzianotto tem um alcance muito maior e o grande pacto nacional será celebrado mesmo é na Constituinte" — lembra Maciel.

Outro ministro do governo Sarney diz que o clima de apreensão na véspera do movimento é natural num momento de descompressão, "no qual muita gente passou a confundir abertura com desrespeito às leis vigentes, justamente quando se sabe que a democracia é o império do